



suplemento literário

Esperando Godot

Se eu soubesse, teria dito na peça — foi a resposta de Samuel Beckett ao encenador norte-americano Alan Schneider, que lhe perguntou o significado de Godot, por quem os clown-vagabundos Vladimir e Estragon esperam o tempo todo em *Esperando Godot*. Esse esclarecimento (ou falta dele) não afasta as especulações sobre o mistério, mas sugere que a procura de um sentido para a existência é o ponto de partida do homem, solitário e desamparado diante de um destino que lhe foi imposta, sem a chave para decifrá-lo.

Intelectualmente, a postura do escritor irlandês Samuel Beckett corresponde a um estado de espírito de tóda a literatura nos anos próximos do fim da Segunda Grande Guerra (o texto, escrito em 1946, só foi representado em Paris, no original francês, em 1953), e que encontra paralelo, por exemplo, nas obras existencialistas, vindas da simbiose Heidegger-Kafka-Sartre.

A experiência histórica da humanidade havia sido, uma vez mais, desastrosa, e se resolvia indagar de novo os fundamentos da condição humana. Assaltado pelo absurdo coletivo, que desconhecia os problemas e as convicções individuais, o homem postulava o seu lugar no mundo, numa inquirição anterior a qualquer compromisso com o semelhante e a realidade. Ja que a soma de conhecimentos não levava a nada, era necessário retornar com humildade às dúvidas essenciais, para que as conquistas não repousassem sobre crenças ilusórias. Samuel Beckett procurou despistar o homem dos apertos falsos, tornando mais autêntico o seu requisitório.

O texto delicia-se em jogar para o espectador o efêmero da existência: "as mulheres dão à luz deitadas sobre jumilos" e "do fundo da cova, indolentemente, o coxeiro aplica seu ferro-capa". Por isso, já que as construções são inócuas, o cenário é uma estrada deserta, em que há apenas uma árvore. Ali, longe do burburinho da cidade, que distral com as suas mil e uma luces enganosas, os protagonistas — Vladimir e Estragon — podem esperar Godot sem perigo de êrro. Assim como os religiosos buscam o contato com Deus na solidão dos claustros, os dois acham que Godot (é inevitável a lembrança do componente divino — God — nessa palavra, cujo sufixo tem a simpatia do dominativo Charlot, por exemplo), se revelará a eles, com certeza, longe das transições mundanas. O vestuário gasto e que acentua o grotesco da situação fundamental do homem, e a comida mínima, símbolo do desprazer pelos alimentos terrestres, ajudam a compor essas figuras rigorosas — dir-se-ia sanitárias — que não sucumbiram aos convites para uma ação destinada de finalidade.

A certeza do dever cumprido com a própria consciência os sustenta na miséria interior a que chegaram. Vladimir exclama: "O que estamos fazendo aqui, essa é que é a questão. E nós temos a sorte de saber. Sim, nessa imensa confusão, apenas uma coisa é cristalina: nós estamos esperando Godot". Como Estragon concorda, Vladimir completa: "Ou que venha a noite. Nós não faltamos ao encontro e isso é definitivo. Nós não somos santos, mas não faltamos ao encontro. Quantos poderiam dizer a mesma coisa?" Eles, conhecem, também, a exemplaridade da situação que vivem: "... neste tempo, neste lugar, toda a humanidade se resume em nós dois, quer isso nos agrade ou não. Aproveitemos isso, antes que seja tar-

de. Representemos dignamente, uma vez que seja, a raça à qual um destino injusto nos consignou".

Embora Vladimir recuse o orgulho de uma aproximação da sua vida com a de Cristo, o texto alude a uma simpatia ainda pior do homem contemporâneo. Quando Vladimir afirma que Estragon não pode andar descalço, ele replica: "Cristo andou". E admite que sempre se comparou com ele. Vladimir lembra então que lá era quentinho e estava seco. Estragon finaliza: "Eles crucificavam depressa".

Ja que a crucificação atual é lenta, deve-se encontrar um meio eficaz de preencher o tempo. A luta para enfrentar o tem que ser compatível com a inarrável esperança de Godot, e daí a irrisão de todos os gestos e movimentos. Logo no início, Vladimir e Estragon, que se chamam pelos carinhosos apelidos de Didi e Gogo, pensam na hipótese de se enfurecerem. Nada acontece, ninguém vem, ninguém vai, é terrível! — fala Estragon. Experimentam uma saída lúdica — vamos nos contradizer, não quer brincar de Pozzo e Lucky? — jogam-se os chapéus, precisam de qualquer forma distrair-se do desespere. Reconstituindo o que foi ontem, Estragon fala: "Ah, já me lembro, ontem a gente bateu papo sobre nada. Ha mais ou menos cinquenta anos que a gente faz isso". Onde estiveram ontem? Não tem importância: "Não é o vazio que falta". Naquele ensaio de vida, Estragon, ao provar o sapato no pé esquerdo, em mais um jôgo, comenta:

"A gente sempre descobre alguma coisa para ter a impressão de que existe, hein, Didi?"

A espera de Vladimir e Estragon é cortada, nos dois atos, pelo aparecimento de Pozzo e Lucky, o primeiro segurando o segundo por uma longa corda presa no pescoço. De certa forma, ao lado da árvore, que se cobre de galhos, no segundo ato, a presença de Pozzo e Lucky é a única ilustração concreta da passagem do tempo. Só elas são história, na ausência de estória da vigília permanente de Didi e Gogo. E sua história representa a pulverização da História, em face do tempo. O senhor e o escravo simbolizariam esse fluxo contínuo de opressores e oprimidos, através dos séculos. Pozzo comanda o destino de Lucky, determinando que ele dance ou que ele pense, para a função do criado prolongar-se num delírio sem lógica. Com Lucky está velho e imprestável; Pozzo quer desfazer-se dele, vendendo-o no mercado de São Salvador. Mas Samuel Beckett não se contenta com essa visão do problema: Pozzo está também escravizado a Lucky, porque vive na dependência dele. Pozzo acha que foi um destino fortuito que lhe deu aquela estada e o de Lucky, quando poderia ser exatamente o contrário. E o segundo ato vem prová-lo: Pozzo agora é cego, e Lucky mudo. Ambos caem no chão, e não podem levantar-se, nem o auxílio dos outros. Mesmo que Samuel Beckett tenha evitado o raciocínio dos condicionamentos sociais, a relação Pozzo-Lucky pode prestar-se a exegeses diferentes: ou se justifica, pela interdependên-

cia e pelo nada final, o desfile histórico de opressores e oprimidos, ou a igualdade essencial dos homens não admittiria a injustiça. A simples imagem de Lucky com uma corda ao pescoço, sem depositar no chão a mal, parece ilustrar uma situação-limite inadmissível para o espectador. Mais do que um discurso sobre a necessidade da revolta, a dupla Pozzo-Lucky demonstra o absurdo da exploração.

Ná engrenagem da peça, os dois interiores com Pozzo e Lucky têm ainda a função de ajudar Dido e Gogo a preencherem as horas. Da primeira vez que elas saem, Vladimir observa que deu para passarem o tempo, ao que Estragon objeta que teria passado de qualquer forma. Quando elas entram, em cena, pela segunda vez, Vladimir sente-se alentado e pode dizer: "Nós estamos mais sózinhos, esperando a noite, esperando Godot, esperando, esperando. Durante tóda a tarde estivemos lutando sem amparo algum. Agora sim, já é amanhã". O homem isolado, para distinguir a verdade, mas precisa do semelhante, para tornar menos dura a solidão. E sob o aspecto propriamente dramático, é significativa a presença de Pozzo e Lucky.

Tem-se escrito que *Esperando Godot* abole a noção tradicional de enredo e desmente a exigência de que aconteçam coisas em cena. Em parte, a assertiva é verdadeira, mas se poderia tentar um paradoxo: o enredo de *Esperando Godot* é a falta de sentido dos enredos na vida humana. E Samuel Beckett vai com-

pondo com extrema argúcia à sua ação. De inicio, Vladimir e Estragon se apresentam e improvisam o diálogo da espera. Quando a conversa poderia tornar-se cansativa, surgem Pozzo e Lucky, e um novo interesse cénico se coloca. O desalento viria de novo, mas chega o Menino, para transmitir o recado de Godot: não pode vir hoje, mas virá sem falta amanhã. Há um suspense bem jogado no desenvolvimento das cenas, que se repetem com significado diverso em cada ato.

Se Vladimir e Estragon não têm enredo (pouco se revela, aliás, de sua biografia), contemplam desenvolver-se diante deles o enredo. Da primeira vez que elas saem, Vladimir observa que deu para passarem o tempo, ao que Estragon objeta que teria passado de qualquer forma. Quando elas entram, em cena, pela segunda vez, Vladimir sente-se alentado e pode dizer: "Nós estamos mais sózinhos, esperando a noite, esperando Godot, esperando, esperando. Durante tóda a tarde estivemos lutando sem amparo algum. Agora sim, já é amanhã". O homem isolado, para distinguir a verdade, mas precisa do semelhante, para tornar menos dura a solidão. E sob o aspecto propriamente dramático, é significativa a presença de Pozzo e Lucky.

Tem-se escrito que *Esperando Godot* abole a noção tradicional de enredo e desmente a exigência de que aconteçam coisas em cena. Em parte, a assertiva é verdadeira, mas se poderia tentar um paradoxo: o enredo de *Esperando Godot* é a falta de sentido dos enredos na vida humana. E Samuel Beckett vai com-

prender os atores a um trabalho fantástico de elaboração das personagens, no qual os põe à prova nos mais diversos meios expressivos. Tragédia, farsa, elevação, vulgaridade, desespero, riso, desempenho rigoroso e brincadeiras do music-hall são mobilizados o tempo todo para se alcançar o objetivo precioso do teatro — a presença convincente do ator diante da assembleia de espectadores.

Em *Esperando Godot*, Samuel Beckett intuitua uma das situações fundamentais do homem, e daí o caráter modelar da peça no conjunto de sua obra e da literatura dramática moderna. Depois do achado que é Godot, sumula de todo um pensamento, expresso em forma cénica, os outros textos deveriam forçosamente parecer repetições ou derivações sem o mesmo poder antológico dessa peça. Fim de Jogo, A Última Gravação de Krapp ou Dias Felizes guardam a inegável categoria literária de Beckett, mas não repetem o fenômeno que é *Esperando Godot*. Essa é uma das poucas realizações contemporâneas que já têm o lugar assegurado entre os clássicos do teatro.

Não se sabe quem é Godot, mas Vladimir conhece as vantagens de sua vida. Se ele chegar, "esta noite a gente pode dormir na casa dele, no calor, no seco, a barriga cheia, sobre a palha. Vale a pena a gente esperar, não vale?" A falta de uma explicação para a existência, o homem se consola com esses pequenos confortos. Ou são eles o próprio Godot? Na imensa miséria das personagens, restam-lhes os sentimentos humanos melhores. O que fica na peça não é o pontapé que Estragon desfera por vingança em Lucky, e que alias lhe deu mais que o machucado na vítima. Fica a ternura de Vladimir, tirando o paletó para agasalhar o sono de Estragon. Todas as tentativas de separar-se fracassam, em face da exigência que um tem do outro. Juntos, os dois podem esperar interminavelmente. O homem precisa, do irmão, condenado que está a viver. E essa punjante fraternidade é a vitória sobre o nada.



Cicilda Becker e Walmor Chagas numa cena de "Esperando Godot", atual cartaz do TCB

Sobre memórias e um memorialista

Temistocles Linhares

Já se vai tornando bastante expressiva entre nós a literatura de memórias. E agora são escritores que se impuseram em outros gêneros que a praticam. Poderia mencionar vários casos.

As memórias são, em geral, a história de muitos homens ligados ao memorialista. As memórias mais dos outros do que de si mesmo. Só os que viveram bastante é que podem fazê-lo. Os que têm o que contar de um passado ríco de contactos humanos, de coisas vistas e vividas um pouco forte do cotidiano e a luz de certo sentimento de grandeza.

Não creio que seja bem assim. Quem escreve memórias procura antes preservar os seus dias, mas confundindo sobre tudo a sua preservação ao que fica no papel — sempre alterado ou embelezado por ele. Quem escreve memórias só o faz porque não tem mais nada a dizer, para se resguardar da esterilidade.

Nem sempre. Muitas vezes o memorialista escreve para recordar, para lembrar de si, retratar uma experiência que pode servir de exemplo. Não só a sua experiência, como sobre tudo a dos que se lhe interpuíram no caminho. O diário intimo, sim, é que é mais confissão, apresentando-se como recurso de auto-observação e conhecimento próprio. As memórias, como disse, giram mais em torno dos outros, das outras vidas. E a sua maior ambição, a meu ver, é gravar alguns belos momentos vividos, por mais despidos de biografia que esteja a vida do memorialista.

São mais os outros, a que o memorialista se entrelaçou, por circunstâncias óbvias, que salvam o seu pequeno eu e mesmo o seu grande eu, na pobreza dos dias.

Tanto quanto o diário, as memórias são uma maneira cômoda de fugir ao silêncio. Tudo quanto é lembrado representa, afinal, o recurso supremo dos que se emprenham em fugir do desespero total diante do ato de escrever. Ou então, um passo para a validade inofável em que o eu se expande e se consola, como suporte contra o peso da palavra escrita.

Por que não? E vou até

Tudo isso pode ser verdade, mas o certo é que existem memórias bastante doces aos movimentos da vida e capazes de todas as liberdades, porque nelas encontram-se pensamentos, sonhos, ficções, acontecimentos importantes, ao lado de simples impressões, sem importância nenhuma, dentro da ordem ou da desordem que quisermos, sem nos sujeitarmos ao calendário, ao contrário do que sucede com o diário. E o mais importante: lemos muitos livros de memórias, tais a edição e o encanto de leitura que despertam.

São raros os livros de memórias que satisfazem todas as exigências. São poucos os que conquistam a simpatia do leitor inteligente, revelando a intimidade de uma vida que reúne — qualquer espécie de ficção, de fantasia ou de desfaçanha? O homem não interessa?

Depende. Há memórias e memórialistas. Quando o memorialista é escritor, tudo se salva e justifica. Tal como o fisionomista, ele muitas vezes descreve, através da evocação, um fato esquecido e misterioso. Dar diretamente a vida, se fosse possível, seria inútil, não se esqueça. O homem só se interessa mesmo é por um rito ou uma realidade oculta. O memorialista, pois, pode traduzir uma ação mágica. E para não perdermos tempo com abstrações concentremos-nos em alguma coisa de mais objetivo.

Num livro de memórias, é que V. quer dizer?

— Exato. O livro que deseja discutir com V. é da escritor consagrado e cuja leitura se faz do mesmo modo que a de um romance. O autor é Herman Lima. O livro é *Poesia do Tempo* (ed. José Olympio). Em primeiro lugar, temos de considerar o escritor, que se serve do gênero como de instrumento perfeito para estabelecer o confronto dos sentimentos dos outros com os seus próprios.

— V. acha então que Herman Lima chega, a refazer o pensamento dos outros, de algumas grandes figuras com que conviveu, à mesma imagem do seu?

— Por exemplo?

— Por exemplo, é evocada nestas páginas a figura do poeta Olegário Mariano. Confesso que, a despeito do seu

mais longe. Entendo que não há muitos meios para isso além das memórias. Há o velho dito popular que diz, como V. bem sabe, "diz-me com quem andas, e te direi quem és". Na verdade, não é nada difícil ao memorialista reconstituir até a vida de um homem ordinário, cujos móveis e pensamentos foram mais ou menos os nossos, como também não lhe é difícil aproximar de nós o homem de gênero, pois em todos os personagens há sempre uma parcela de coincidência.

— Então, o herói passa a ser construído segundo os desejos e as necessidades do memorialista.

— Bem. Não me parece falso que ele procure a identidade dos temperamentos. Não vejo porque a gente deixe de se esforçar para sentir como o herói que se procura retratar. Quem, por exemplo, descreve a vida de um grande homem torna-se, pelo menos em certos momentos, igual a ele, não é? Heron fixa o olhar no poeta, mas esquece o político, justamente o lado mais vulnerável do autor de *Terra de Sol*. E consequentemente, os seus choques com a direção, os seus mal-entendidos, já mais reconhecidos... Herman Lima não lhe faz nem humilha concessão, nem do ponto de vista cultural ou sociológico. Afinal, o Pe. Cícero valia menos por si do que pelo que representava. Não que eu queria defendê-lo, pois nenhum simpatizante também alimenta por essa figura singular, expressa histórica e social de uma época. Aliás, nesse sentido, abro um parentese para assinalar a importância da obra de Getúlio Vargas, que é muito maior que a de Otacílio Anselmo, em alentado volume, que tem um subtítulo bastante sugestivo — "Mito e realidade" (ed. Civilização Brasileira). O mito é reduzido a extensa pesquisa e de uma documentação colhida em suas fontes, como até hoje ninguém o fez.

— Bem. Cícero entra nessas memórias quase de raspa, não chegando dar conteúdo a essas saborosas páginas de "Uma revolução francesa no Ceará", em que o memorialista narra o trágico intermezzo político de que fôr vítima o seu Ceará, só comparável a outro flagelo devastador, o da famosa seca do Quinze, que daria a Rachel de Queiroz oportunidade à sua proeminentemente estética estréia nas letras.

— Já com Getúlio Vargas não penso que o memorialista tenha sido muito feliz. O seu lado humano que procurou exaltar obedeceu antes a outra força íntima, mais calculada, mais matreira, a da astúcia.

— No seu antigelutismo, V. se torna suspeito.

— Meu antigelutismo? Não. Getúlio fez muito mal ao Brasil e pelos seus erros pagamos até hoje. O pouco de bem que ele fez não o redime, V. há de convir.

— Talvez V. tenha razão. Mas compreendo a atitude de Herman Lima diante dele.

— Eu não a comprehendo, sobre tudo se a pusermos em confronto com a posição que assume diante da figura carismática do Pe. Cícero. Quem tem olhos para verá que Getúlio devia tê-los tam-

grande público, eu não tinha muito interesse pela sua pessoa. O homem que havia nela, porém, me surpreendeu, talvez realmente enganado, executado, é certo, pela sugestão forte da gravidade e da amizade. Mas a verdade é que muito calor humano contagiava a sua proximidade. O poeta cedia lugar ao homem igual a nós, amigo de seus amigos, com um imenso coração aberto "como alpendre de casa de beira de estrada da poente do serrão nortista".

— O que transparece é a no breza de um herói que se constrói segundo os desejos e as necessidades do memorialista.

— A nobreza de espírito do memorialista é que, tanto quanto a sua simpatia, é que existe também lá o nosso mal-criado homem dos sete instrumentos, comece a sua contribuição: "A cidade experimenta!" por admitir que os problemas que atilgam a generalidade dos centros urbanos — "número demasiado grande de estudantes para as escolas disponíveis, volume de dejetos superior à capacidade do sistema de esgotos, mais automóveis que vanquem as ruas e se não adotam padrões mais racionais de construção civil, poluição por ruas e aeroportos, congestionamento etc.", enfim a vida — se atraia quase paradisíaca. O projeto de Minas não se parece em nada com essas cidades feitas de encomenda por governos apressados a quais reservava o dr. Spilhaus o qualificativo de burocratas: a nostra Brasília, a hindu Chandigarh, e por que não? a mais que secular Washington. Um edivogado que também trabalhou no plano mítico, expôs que a sua experiência é que os problemas que atilgam a generalidade dos centros urbanos — "número demasiado grande de estudantes para as escolas disponíveis, volume de dejetos superior à capacidade do sistema de esgotos, mais automóveis que vanquem as ruas e aeroportos, congestionamento etc.", enfim a vida — se atraia quase paradisíaca.

Em compensação, o ex-Dade do Instituto de Tecnologia da Universidade de Minas Gerais, e atual diretor do Instituto Franklin, de Filadélfia, o dr. Athelstan Spilhaus, pode dizer, em todo caso, de conformismo com a modesta condição de parente pobre. Como éfeito, o dr. Spilhaus, que é meteorologista, oceanógrafo e educador, trouxe exemplo de que existe também lá o nosso mal-criado homem dos sete instrumentos, comece a sua contribuição: "A cidade experimenta!" por admitir que os problemas que atilgam a generalidade dos centros urbanos — "número demasiado grande de estudantes para as escolas disponíveis, volume de dejetos superior à capacidade do sistema de esgotos, mais automóveis que vanquem as ruas e aeroportos, congestionamento etc.", enfim a vida — se atraia quase paradisíaca.

Em compensação, o ex-Dade do Instituto de Tecnologia da Universidade de Minas Gerais, e atual diretor do Instituto Franklin, de Filadélfia, o dr. Athelstan Spilhaus, pode dizer, em todo caso, de conformismo com a modesta condição de parente pobre. Como éfeito, o dr. Spilhaus, que é meteorologista, oceanógrafo e educ